



Manifesto dia 20 de novembro

Pelo FIM dos ASSASSINATOS dos NEGROS nas periferias! FIM da Polícia Militar!

Das instituições da burguesia não sairá o atendimento das nossas reivindicações! Tomar a solução dos problemas nas próprias mãos, com os métodos a luta de classes!

Pela Real Independência de classe em relação a todos os governos da burguesia! Organizar e mobilizar a maioria nacional negra e demais explorados para fazer a Revolução Proletária!

A elevada mortalidade pelas mãos da repressão policial sobre os negros, 2 entre cada 3 mortos pela PM em São Paulo, é o elemento mais grave da violência geral que o Estado e a classe dominante, a burguesia, despejam sobre a maioria da população assalariada, que é negra no Brasil. Os capitalistas e seus governos respondem ao agravamento da crise mundial do capitalismo com a direitização, a maior ofensiva repressiva em toda linha, que recai invariavelmente sobre a maioria negra e pobre do país. Crescem os ataques às cotas raciais, em que os autodeclarados negros são submetidos a exames de critérios duvidosos para confirmar sua cor, e muitos são expulsos de concursos públicos e empregos por conta disso. Ao mesmo tempo, os indígenas também sofrem com a direitização da burguesia e de suas instituições: o Marco Temporal, que inocenta as ocupações econômicas de terras indígenas, e admite até a expulsão de indígenas para outras áreas, é mais um sintoma do aumento da opressão burguesa. O projeto que leva ao fim do casamento homoafetivo, que está em andamento na Câmara dos Deputados, é mais uma expressão dessa direitização geral da burguesia e maior ofensiva re-

pressiva a partir de seu Estado.

Os salários diferenciados, as contratações por seleção de cor, os empregos de menores salários em geral, a intimidação seletiva nas ruas, os tratamentos diferenciados em todos os locais públicos, os ataques de governos aos centros culturais, religiosos, artísticos e educativos de matriz africana, os ataques racistas nas redes sociais, os despejos de moradores de ocupações (na maioria, de negros), o aumento e a repressão aos cada vez em maior número de moradores de rua, os ataques à educação, saúde e demais direitos, formam um quadro geral de maior discriminação e opressão sobre a maioria negra.

Essas formas de violência reacionária da burguesia deveriam levar a que se levantassem as reivindicações das massas para defendê-las com uma luta unitária, nacional, erigida contra os capitalistas e seus governos, por meio da luta de classes. A experiência mostra que não há nada que esperar das instituições da democracia burguesa decadente, cada vez mais estreita e manejada por uma classe dominante cada vez mais reacionária, direitista, repressiva. Mostra que os oprimidos devem tomar a resolução de seus problemas pelas suas próprias mãos, com

seus métodos próprios de luta e com total independência de classe em relação aos exploradores, seus partidos, governos e instituições.

A opressão racial é mais uma manifestação da opressão de classe, assim como são as opressões sobre a mulher, sobre o indígena, sobre o homossexual, nacional, etc. A base econômica, política e social de todas as formas de discriminação e opressão é a opressão de classe. O socialismo científico provou há mais de um século que é necessário criar as bases materiais para acabar de vez com todas as opressões, e essa base é a revolução socialista, o fim da propriedade privada dos grandes meios de produção social. A revolução não acaba automaticamente com as opressões, mas cria as bases materiais para terminar com elas.

Assim como lutamos contra o confisco salarial e de direitos, assim como lutamos em defesa do emprego, também combatemos imediatamente e o tempo todo as opressões. A organização das massas ao redor das reivindicações que as defendem das manifestações da opressão de classe permite dar passos concretos em direção à revolução proletária, desde que por meio de seus métodos próprios de luta e com total in-

dependência de classe.

Lenin, em “O que fazer?”, já apontava para a necessidade de trabalhar sistematicamente na defesa das reivindicações que expressam as várias manifestações da opressão de classe:

*“Não basta **explicar** a opressão política de que são objeto os operários (tal como não bastava **explicar-lhes** o antagonismo entre os seus interesses e os dos patrões). É necessário fazer agitação a propósito de cada manifestação concreta desta opressão (como começámos a fazer para as manifestações concretas de opressão econômica). E uma vez que as mais diversas classes da sociedade são vítimas desta opressão, uma vez que se manifesta nos mais diferentes aspectos da vida e da atividade sindical, cívica, pessoal, familiar, religiosa, científica, etc., não é evidente que **não cumprimos a nossa missão** de desenvolver a consciência política dos operários se não nos **comprometemos** a organizar uma **campanha de denúncias políticas** da autocracia em todos os aspectos?”* (negritos do autor, sublinhados nossos).

Hoje, a maioria das correntes de esquerda abandonou completamente as bases históricas, teóricas e fundamentadas do socialismo científico, para combater as opressões. O culturalismo burguês, que nasceu no século XIX justamente para combater o marxismo, foi completamente assimilado por essas esquerdas. Essa tendência acadêmica burguesa afirma que as opressões sociais não são de classe, embora possam ter uma base nela. Afirma que as opressões estão assentadas no campo da cultura. Que, portanto, seria possível acabar ou reduzir bastante as opressões no interior do modo de produção capitalista, por meio da educação e da legislação/repressão, sem tocar nas suas bases econômicas. Utilizando como meio para isso a intervenção no interior da democracia burguesa decadente, elegendo governos comprometidos com a causa, votando em parlamentares para que modifiquem as leis, pressionando os parlamentos a votarem leis favoráveis, mudando a educação para que ela transformasse as consciências, elegendo candidatos negros, indígenas etc., e reivindicando do Estado,

fonte da maior parte da violência social, que reprima aqueles que violam as condutas legisladas. O culturalismo rompe com a ação coletiva das massas e foca no individualismo e corporativismo. Onde cada grupo ou setor oprimido busca resolver isoladamente seus problemas, tidos como separados dos problemas e da opressão aos demais.

Esse culturalismo tem por tática central a eleição de governos e parlamentares. Utilizam as denúncias contra a violência racial para construir uma base de votos para as eleições e, em particular, a formação de uma bancada própria. Essa tática está ligada ao objetivo estratégico de alcançar um governo democrático burguês eleito e comprometido com as políticas públicas que atenuem o racismo, as discriminações e demais opressões. Por isso, não se empenham em organizar a defesa das reivindicações por meio da luta de classes. As denúncias que fazem dos governos burgueses direitistas e dos ataques reacionários e racistas são usados como meio de desgaste e disputa eleitoral com os atuais governantes, apontando a necessidade de sua substituição como meio de solução dos problemas. Ou seja, enganando as massas em benefício de suas carreiras eleitorais. É preciso dizer que, sob o capitalismo em decomposição, não haverá um governo burguês sequer progressista, não haverá um parlamento que expresse a maioria nacional oprimida, nem as minorias, será expressão da burguesia cada vez mais reacionária, necessariamente.

Defendemos outra estratégia política, e por isso outra tática. Defendemos a destruição revolucionária dos governos, partidos e instituições da burguesia. O fim da propriedade privada dos grandes meios de produção social. O controle soberano dos explorados sobre a economia e política, por meio de suas organizações próprias. Isso é a revolução proletária, que vai dar início ao caminho ao socialismo. A tática que é consequente com esse objetivo é a mobilização permanente das massas por suas reivindicações, em choque com a classe dominante e seus governos. Por isso, defendemos a unidade na

luta e um programa de reivindicações em defesa das condições de vida e trabalho, a única forma de alcançar a força necessária para derrotar a burguesia e seus governos, seu Estado repressivo. Tomamos toda e cada uma das reivindicações ligadas às diversas manifestações da opressão de classe como meios de unificação, da unidade mais coletiva e geral possível, na luta contra a burguesia e seus governos.

A partir dessa posição, retomamos o primeiro problema apresentado neste manifesto: o assassinato massivo do povo negro nas periferias, pelas polícias, cães de guarda da burguesia. A natureza das polícias é a repressão, é defender a propriedade burguesa e reprimir as manifestações da luta de classes que se encaminham instintivamente a combatê-la e destruí-la, elas são o braço armado do Estado, que é o meio da ditadura de classe dos exploradores sobre os explorados. Defendemos o fim da polícia militar, criada pela ditadura militar para reprimir os movimentos. Mas sabemos que as demais polícias também cumprem o papel de braço armado do Estado. Desse Estado, não virá o fim da violência racista e dos assassinatos. Nem dos governos e parlamentos burgueses. A violência racista a combatemos com os métodos da luta de classes. Em unidade de todos os explorados.

Pelo fim do assassinato da população negra nas periferias!

Pelo fim da discriminação racial e de todas as demais discriminações!

Pelo pleno emprego e educação a todos!

Por um salário mínimo vital calculado nas assembleias!

Pelo total direito e respeito à diversas manifestações e organizações de origem africana!